



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

EMANUELA MOURA CORRÊA

**A VOZ FEMININA EM *REQUIEM PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO*: UM
ESTUDO SOBRE A OBRA DE LUÍS CARDOSO E A LITERATURA TIMORENSE**

CAMPINA GRANDE

2016

EMANUELA MOURA CORRÊA

**A VOZ FEMININA EM *REQUIEM PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO*: UM
ESTUDO SOBRE A OBRA DE LUÍS CARDOSO E A LITERATURA TIMORENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduação em Letras –
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr^a. Rosângela Maria Soares de
Queiroz.

Coorientador: Prof. Dr^a. Marinete Luzia Francisca de
Souza

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C824v Corrêa, Emanuela Moura

A voz feminina em Requiem para o Navegador Solitário [manuscrito] : um estudo sobre a obra de Luís Cardoso e a literatura timorense / Emanuela Moura Corrêa. - 2016.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Departamento de Letras e Artes".

"Co-Orientação: Profa. Dra. Marinete Luzia Francisca de Souza, Departamento de Letras e Artes".

1. Timor Leste. 2. Narrativa. 3. Personagem. 4. Literatura timorense. I. Título.

21. ed. CDD 809

EMANUELA MOURA CORRÊA

A VOZ FEMININA EM *REQUIEM PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO*: UM
ESTUDO SOBRE A OBRA DE LUÍS CARDOSO E A LITERATURA TIMORENSE

Artigo de conclusão de Curso em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Letras - Licenciatura Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 22/10/2016

BANCA EXAMINADORA



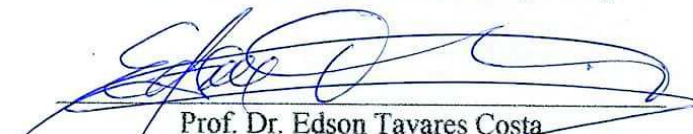
9,0

Prof. Drª. Rosângela Maria Soares de Queiroz (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



9,0

Prof. Drª. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



9,0

Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela dedicação, força e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe como principal responsável por essa conquista.

Ao meu noivo, amigo e companheiro desde o início da jornada acadêmica.

À meus familiares, pai, irmã, tias, tios e amigos, em especial Alane Cristina Tavares da Silva, Róbson Barbosa da Silva e Shelton Vidal, pela amizade companheirismo, força e todo apoio prestado.

À professora Rosângela Maria Soares de Queiroz, que sempre esteve muito solícita, apesar dos problemas de saúde e embates ao longo desse semestre.

À professora Marinete Luzia Francisca de Souza pelo despertar do estudo ao longo de um ano no Programa de Iniciação Científica – PIBIC (2014/2015).

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, Edson Tavares Costa que contribuiu ao longo do último semestre, por meio das disciplinas e debates, para o maior conhecimento em Literatura Portuguesa.

À coordenação do Curso de Letras e funcionários da UEPB, pela atenção e bom atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, em especial a Djeniffer Kelly Xavier de Ataíde, Tássia Emanuela Lima e Geovanne Santos, pelos momentos de amizade e apoio.

“A literatura nasce da literatura. Cada obra nova é continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea”. (Leyla Perrone-Moisés)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	11
2.1	A LITERATURA TIMORENSE E A LITERATURA DE TIMOR: DISTINÇÕES ENTRE A PRODUÇÃO NACIONAL E A IDENTIFICAÇÃO ESTRANGEIRA.....	11
2.2	O ROMANCE COMO REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE	13
3.0	A CATEGORIA DE PERSONAGEM NO ROMANCE PÓS- MODERNO.....	21
3.1	O NARRADOR COMO ELEMENTO DESTAQUE.	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	ABSTRACT	30
	REFERÊNCIAS	31

A VOZ FEMININA EM *REQUIEM PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO*: UM ESTUDO SOBRE A OBRA DE LUÍS CARDOSO E A LITERATURA TIMORENSE

Emanuela Moura Corrêa¹

Resumo: Esta pesquisa apresenta uma análise de cunho crítico-literário e sociológico, com foco na literatura timorense. Consistindo primordialmente numa reflexão crítica da obra e dos elementos estruturadores *personagem* e *narrador*, o trabalho centra-se no romance do escritor timorense Luís Cardoso, *Réquiem para o navegador solitário* (2007), discutindo, ainda, aspectos que perpassam a história, interculturalidade, discussões em torno do feminino, integrados ao estudo da narrativa. Neste sentido, a pesquisa visou, sobretudo, a colaborar para uma expansão do interesse do leitor universitário pela literatura timorense, estabelecendo laços de empatia pela consideração das relações entre literatura e interculturalidade. Os eixos temáticos observados, além de abrangerem os apontamentos mencionados acima, também envolvem subtemas que permeiam o universo das discussões de gênero e construção da narrativa em torno da voz feminina do autor. O objetivo geral desta pesquisa é realizar uma apreciação do texto literário, mais especificadamente o romance, observando os apontamentos supracitados que dizem respeito também à construção social e identitária em que a personagem principal está inserida. Especificamente, pretende-se analisar, na obra em destaque, os elementos estruturais *Personagem* e *Narrador*, tomando-o como portador de características pós-modernas. Entre os pressupostos teóricos, destacam-se Marcos (1995), Beauvoir (1970), Santos (2001), Brandão (2004), D’Onofrio (2007), Costa (2012), Ferrari (2011) e Dalcastagnè (2012). Tal proposta busca valorizar a literatura timorense e permite contato com uma obra singular pela sua qualidade literária, além de conhecer autores pós-coloniais, e suas representações na contemporaneidade.

Palavras-chave: Timor Leste. Narrativa. Narrador. Personagem.

1 INTRODUÇÃO

A ilha de Timor Leste está localizada no arquipélago das pequenas ilhas de Sonda, sudoeste Asiático. Não se tem com exatidão quando aconteceu a chegada dos portugueses, possivelmente foi no período da expedição da armada do vice-rei Afonso de Albuquerque à Índia, segundo (COSTA, 2012, p. 20). Certo é que Timor é referido por escritores como Luís de Camões e Fernão Mendes Pinto em suas obras. Camões faz referência a Timor em *Os Lusíadas*, epopéia fundado na histórica viagem de Vasco da Gama, logo no início do século XVI, aproximadamente no ano de 1512:

¹Aluna de Graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: manuletrasuepb@gmail.com

Ali também Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutífero e cheiroso:
 Olha a Sunda tam larga que ua danda
 Esconde para o sul dificultoso
 (CAMÕES, canto X, 134. 1927, p 484.)

Tal dado histórico e literário faz compreender melhor a grande influência de Portugal em Timor Leste. A nação europeia foi atraída pela abundância do sândalo, madeira existente em grande quantidade na ilha, e também pelo mel e a cera. É nesse contexto que a ilha de Timor é ocupada por nações ocidentais; não havia escrita, sua tradição cultural era transmitida de modo oral. A ilha se organizava de modo singular, dividida em partes: a província dos Bellos, a leste, era governada pelos portugueses, e a parte oeste, Survião, pertenceu aos portugueses e depois foi dominada pelos holandeses.

Por possuírem uma organização social e política estruturada, Timor não se enquadrava no modelo ocidental de sociedade, tendo como parâmetro comparativo a colonização brasileira. Assim, Portugal teve que passar por um processo de reorganização no modo de colonizar. Um dos fatos que dificultou a presença dos portugueses na ilha asiática foi o fato de apresentarem uma variedade linguística diversificada, ou seja, os inúmeros dialetos dificultaram os primeiros contatos. Precisamos destacar também que, juntamente com Portugal, os holandeses também disputaram territórios timorenses, ocupando a parte ocidental da ilha e dando início a conflitos que duraram vários séculos, com um único interesse, a divisão do território. Ressaltamos que, “pelo tratado de 20 de Abril de 1859 entre Portugal e os Países Baixos, fixaram os limites entre as possessões portuguesas e neerlandesas na ilha de Timor.” (MARCOS, 1995, p. 30) A perspectiva histórica apresentada leva-nos a conhecer mais sobre o país em questão, para que possamos, diante dos estudos mais recentes, que se utilizam dos escritos pós-coloniais, atrelando-se ao estudo das literaturas de países recém-independentes, favorecendo a compreensão de sua cultura e a influência de Portugal na construção social, política e literária do país em estudo.

No que diz respeito à literatura, grandes são as contribuições dos escritores timorenses, tais como: Luís Cardoso, Ruy Cinatti, Crisódio T. Araújo, Fernando Sylvan, Jorge Barros Duarte, entre outros. Neste trabalho, focaremos na obra do escritor Luís Cardoso, por ser considerado um dos maiores representantes da literatura timorense, além de possuir um vínculo maior com Portugal, já que teve seus estudos iniciais em Timor Leste e posteriormente Lisboa, tendo produzido obras que retratam conflitos, discussões de gênero, travessias, identidades e resistência. Cardoso é, sem dúvida, um escritor singular, por

apresentar uma literatura rica em elementos que transcendem a realidade, recriando sua própria identidade e a de sua nação. Segundo Santos (2001, p. 26):

A literatura é, talvez, de todas as criações culturais, aquela em que melhor pode obter-se o equilíbrio dinâmico entre homogeneidade e fragmentação. Não admira que esses intelectuais e, sobretudo, Fanon tenham atribuído à literatura o estatuto de instrumento privilegiado na construção da “consciência nacional” preenchendo-a com vozes que as elites nacionalistas (para já não falar do poder colonial) esqueceram ou excluíram.

A literatura timorense merece destaque por apresentar qualidade literária, e por misturar no mundo da ficção, questionamentos e discussões ligados à cultura e resistência de um povo que, durante toda sua História, sempre buscou reconhecimento de seus direitos. Esta pesquisa se centralizou na apreciação literária da obra *Requiem para o navegador solitário*, de Luís Cardoso, no tocante ao elemento estruturador Narrador, que se apresenta em primeira pessoa durante toda a obra, e possui voz feminina. Em nossa análise, perpassam as discussões de gênero, tendo como foco a voz da personagem principal e seus dilemas femininos, ligados também à historicidade da nação timorense, e sua relação com as questões de identidade.

Nosso marco teórico foi construído a partir das contribuições de Marcos (1995), Beauvoir (1970), Santos (2001), Brandão (2004), D’Onofrio (2007), Costa (2012), Ferrari (2011) e Dalcastagnè (2012). As atuais pesquisas fortalecem os estudos literários e culturais, trazendo uma centralidade para a literatura emergente. Esse estudo também possibilita-nos o contato com a obra, trazendo uma mistura de ficção e realidade, somando-se aos fatos históricos mais recorrentes, além de destacar fortemente recentes discussões de gênero.

2. DISCUSSÃO E RESULTADOS

2.1 A literatura timorense e a literatura de Timor: Distinções entre a produção nacional e a identificação estrangeira

Pensar e produzir sobre a literatura timorense é refletir a respeito do vasto acervo oral que se estabelece de modo tão rico através do mosaico linguístico desse povo, que compõe a nação timorense. Podemos ter uma noção de como a oralidade é pertinente e peculiar nessa nação, pelos muitos dialetos, construções linguísticas próprias, somados aos processos colonizadores. É por meio dessa configuração que a literatura torna-se possível e representante. Por isso, refletir sobre a literatura é também levar em consideração aspectos da

língua, pois quando Timor toma consciência de si e passa a se perceber no cenário mundial, ou seja, assumir-se enquanto nação, tomou posse de uma língua e dessa faz uso através do texto literário. De modo geral a tomada por uma única língua deu-se através da língua portuguesa. Segundo Costa (2012, p. 63) pensar sobre a língua é dialogar com a literatura timorense:

Quando pensamos na escolha da língua portuguesa, como oficial, logo vem em nossa mente o processo de configuração de uma ideia de Timor, que está arraigado à própria língua; ou seja, como é possível conceber e delinear Timor em língua portuguesa? Deve-se buscar uma literatura timorense em língua portuguesa, mas com cara própria.

No campo propriamente da literatura, existem autores nascidos em Timor, incluindo os que estão na categoria de *diáspora*,² e também os que não possuem nacionalidade timorense, contudo tem o país como tema. Neste trabalho, priorizamos o autor Luís Cardoso, que, além de pertencer ao país, também tem sua escrita voltada à diáspora.

Diante disso, podemos questionar sobre a produção da literatura timorense em língua portuguesa, visto que o domínio português foi algo mais restrito à elite local, além de refletir sobre a imposição linguística e cultural da Indonésia e as produções em língua portuguesa, que sofreram ataques e constantes reviravoltas. Segundo Esperança (2005) a literatura timorense tem um poder de reação social singular;

Terá a literatura timorense a capacidade para se manter viva em língua portuguesa, com tão poucos autores? E se isso acontecer, poderá ela não se diluir na imensidão da lusofonia? Não tenho resposta para essa questão, mas termino com as palavras proféticas de um verdadeiro missionário nas terras de Lorosa'e: A literatura escrita por timorenses tem sido, com poucas exceções, fundamentalmente em língua portuguesa, vínculo de afirmação de resistência, identidade e nacionalidade. (ESPERANÇA, 2004, p. 56.).

A produção em língua portuguesa não surge por acaso e é através dela que a literatura timorense assume um caráter nacional. Mesmo possuindo poucos escritores, existe uma literatura timorense de língua portuguesa, ela é nova e procura demarcar/descrever características peculiares de um povo. Como destaca Costa (2012) esse fato deu-se juntamente com colonização portuguesa, a invasão indonésia, tudo isso somados a uma rica tradição oral. Dentro dessa perspectiva Antunes (2006) esclarece:

² Segundo Hall (2003, p. 32) “O conceito de Diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença: por um lado está fundado a uma ideia que depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”.

[...] fica claro que existe uma literatura timorense, e que as suas características fundamentais são as que derivam do percurso histórico dos povos que constituem hoje Timor Lorosa'e. Com um magnífico fundo de magia, e um universo fantástico, povoado de mitos e rituais, a poesia oral/ tradicional manifesta-se a cada passo na literatura contemporânea timorense. Simultaneamente, as circunstâncias da colonização portuguesa, desde o século XVI, e a ocupação indonésia, no último quartel do século XX, não deixam de aparecer como marca fundamental nas referências histórico-culturais daquela que é a literatura de Timor e timorense. Outro aspecto importante é o fato de a grande maioria da literatura escrita aparecer em língua. (ANTUNES, 2006, p. 145.).

Os representantes mais significativos da literatura timorense e de Timor são Luís Cardoso e Ruy Cinatti, sendo Cardoso timorense e Cinatti de nacionalidade portuguesa, mas tendo vivido muitos anos em Timor, assumindo uma identificação forte com a ilha e seus habitantes, chegando até mesmo fazer um pacto de sangue com os chefes timorenses. Assim, tanto os escritores de nacionalidade timorense, como os que se identificam com o país, assumem papel importante na construção identitária da literatura. Por esse motivo, os estudos da escritura de todos eles possuem valor significativo, como destaca Seixas (2005) “São, por isso, dois mundos e duas imagens complementares diferentes que se cruzam e que ajudam a perceber melhor o que é hoje, Timor Lorosa'e”. (SEIXAS, 2005 p. 147.).

2.2 O Romance como representação de identidade

Dentro dos estudos literários e interculturais, o escritor Luís Cardoso ganhou notoriedade, por assumir a “voz feminina” e pela força de suas personagens. Em **Requiem para o navegador solitário** (2007), é apresentada a figura de Catarina, uma jovem chinesa, entre dezessete e dezoito anos, que recebeu educação europeia, destinada ao casamento idealizado, embora, na realidade, o seu casamento tenha se baseado na negociação comercial, como atesta: “O destino de uma mulher é uma caixa de Pandora. Nunca se sabe o que tem dentro” (CARDOSO, 1997, p.12)

A personagem principal é descrita como frágil e bonita, chamando a atenção por sua beleza exótica, modos delicados ao se portar perante seu contexto social, sua força interior, e por seu pulso firme diante das decisões familiares, quando foi escolhida para salvar os negócios do pai.

Ao destacar a posição da mulher na sociedade contemporânea, obras como essas contribuem para reflexão sobre a imagem social e cultural em torno do feminino. Beauvoir (1970, p.10), afirma: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas

relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. É inicialmente essa visão que a obra mostra do feminino; a personagem está subjugada ao homem, por determinação social e religiosa, devendo-se comportar como convém e aguardar seu amado, constituir uma família que tenha por finalidade a reprodução da espécie. Pensando sobre as várias imposições sociais impostas à mulher, Carson (1995, p. 195) destaca:

Os indivíduos não nascem biologicamente pré-determinados a viver um tipo de vínculo com quaisquer sistemas sociais, estrutura de privilégios, distribuição de poder ou possibilidades de desenvolvimento afetivo, intelectual e psíquico. Pelo contrário, suas características biológicas são utilizadas como instrumento ideológico para construir e justificar tais desigualdades.

A obra estudada salienta uma crítica voltada à condição da mulher na sociedade, visto que a criação, costumes e valores de Catarina estão arraigados em um padrão patriarcal, que destina a mulher ao casamento, de modo imposto, ditando as regras de como ela deve se comportar perante os valores apreendidos durante sua vida.

Destacando um contraponto com os estudos de gênero e a sua relação dialógica com a literatura, é perceptível que obras de autoria masculina não podem definir o feminino em seu sentido mais específico, ou seja, apenas a própria mulher consegue definir-se através da linguagem. Tais questionamentos estão pautados no que considera Brandão (2004, p. 11):

A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível.

Entretanto, na ficção não há cópia fiel da representação do feminino, pois na literatura existe o princípio de verossimilhança e esse não têm objetivos puramente reais. Em obras de autoria masculina a construção é possível quando consideramos que ela é ficcionalizada, pois é através do elemento que a voz da personagem Catarina existe. Ela se constrói primeiramente predestinada a vontades masculinas, porém, ao contrário dos romances mais tradicionais, é marco forte da obra destacar essa personagem promovendo rupturas de paradigmas sociais, como podemos perceber em “Eu tinha como tarefa prioritária erguer novamente as habilitações da fazenda para albergar os trabalhadores.”. (CARDOSO, 1997, p. 95). É nessa visão que a obra revela uma personagem forte, destemida, tendo sua vida modificada, e que nos surpreende a cada situação adversa; não só revela a caracterização da mulher atual, mas é por ela que toda a nação timorense está representada.

Adentrando na parte mais estrutural, as categorias da narrativa, têm um papel pertinente nesta análise. Tratando-se do *narrador*, que se apresenta em primeira pessoa,

assumindo caráter feminino contando sua própria história, embora observando acontecimentos vivenciados por outros personagens, é através do modo de narrar pós-moderno que a própria personagem principal se constitui: Catarina conhecia várias línguas, lia clássicos da Literatura e História, tocava piano e admirava Debussy (músico e compositor francês). Ela, contudo, vislumbrava em seu futuro um príncipe encantado, em uma conjuntura de matrimônio que fosse durar a vida inteira:

Saber línguas estrangeiras, ler os clássicos, tocar piano e admirar Debussy, um sortido de extravagâncias para ornamentar uma excelente carta de apresentação. No fim seria a perfeita união entre duas culturas. A asiática representada pela minha pele de seda, os olhos rasgados, os cabelos pretos e a minha postura como uma deusa ou a de uma gata, e a europeia entendida na forma sedutora como poetas, pintores e músicos a representam, uma bailarina dançando ao sabor da cadência das palavras sussurradas. (CARDOSO, 1997, p. p. 12).

Sabemos dessa maneira que o ato de narrar também constitui a personagem, mas é necessário haver um enredo para que as ações sejam executadas. O enredo de obras pós-modernas não possui um modo linear, ou seja, no romance Cardosiano não percebemos um único fio condutor dos fatos, não há uma relação direta entre as partes do enredo (situação inicial, conflito, clímax e desfecho). Segundo Gancho (1991), o princípio que constitui o enredo é a verossimilhança, ou seja, aquilo que torna verdadeiro para os leitores, através do objeto de ficção. Nesse sentido, esclarece “Para entender a organização dos fatos no enredo não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim; é preciso compreender o elemento estruturador: o conflito”. No romance, identificamos o conflito não apenas pelo fio amoroso existente, mas pelas relações de poder, organização comercial entre a China e Timor, a Segunda Guerra em destaque, sendo cada capítulo uma surpresa, na sua imprevisão, e até mesmo ações descontínuas:

- Vêm aí os japoneses

Como se a todo o momento os samurais fossem entrar pela baía adentro com as suas lanças, espadas e varapaus, soltando depois o seu grito de guerra!

- Banzai!

Foram eles que primeiro viram o Sol nascer, acompanharam o seu crescimento e, para não o perderem de vista, pintaram-no na sua bandeira para que todos soubessem que o tinham como refém, Deus ou Imperador

- Fale-me das suas viagens, capitão

Provavelmente viajou para muitas partes do mundo, vindo de lá do Sol posto. (CARDOSO, 1997, p.124).

Ao destacar um enredo misto, a obra cria no leitor uma ansiedade por cada acontecimento. No trecho acima é colocada a questão das viagens realizadas por capitães, a guerra e a relação de poder existente no Oriente. Os acontecimentos dão-se durante a Segunda

Guerra Mundial, nela Timor teve duas invasões, sendo a primeira pelos Aliados e depois pelos japoneses, esta que durou mais tempo.

Analisando outra categoria da narrativa, o *espaço*, os acontecimentos são vivenciados em Timor, contudo percebemos as relações interculturais através de outras nacionalidades e ao longo na narrativa, Catarina recorda a sua terra natal, na tentativa de compreender qual seu objetivo de estar em uma terra estranha, de que emana tantos conflitos, e trouxera tantos problemas para sua mocidade. Tal memória da China é destaque:

Quem eu esperava ver chegar do mar era o meu pai, para me resgatar, pois esse era o seu dever. O velho chinês continuava mudo e quedo como se nada se tivesse passado. Como se tivesse desinteressado do negócio em que parecia apostar a vida, o dinheiro, o futuro, a honra e também a mim, a sua filha querida. Uma mistura explosiva. . (CARDOSO, 1997, p.118).

Além das categorias, que assumem papel importante é preciso refletir a respeito da diferenciação entre homem e mulher, perante a conjuntura social. Carson (1995, p. 197) revela que, “nesse sentido, **gênero** está situado exatamente no núcleo da separação mundo natural/mundo social, relativizando o obstinado, velho, obsoleto conflito entre as ciências naturais e as ciências sociais a respeito da origem das determinações últimas do sexo”.

Podemos verificar que o discurso da diferença entre os sexos, pautado no sentido biológico, é incoerente. As determinações sociais sobre a mulher são pautadas na vida em sociedade e na cultura em que estão inseridas. Através dessa crítica, percebemos os atos de rebeldia da personagem, a cada imposição enfrentada, pelo simples fato de ter nascido dentro do gênero feminino.

No decorrer dos acontecimentos, seu sonho de casamento ideal começa a ser frustrado, quando seu pai recebe, em Batávia, Alberto Sargento Monteiro, natural de Goa e filho de pai português, um visitante bastante rústico e de pele morena. “Era o capitão do porto de uma cidade chamada Díli, uma terra cheia de pântanos e crocodilos, infestada de mosquitos e de malária, para onde os portugueses destacavam os seus funcionários caídos em desgraças” (CARDOSO, 1997, p.14). Ainda fazendo visita à casa de Catarina, a convite de seu pai, para estabelecer relações comerciais, Sargento, a todo o instante, procurava mirar os olhos dela envolvendo-a num jogo de sedução. Registramos a conjuntura social e cultural, evidenciada nas relações financeiras e amorosas por que passavam as famílias, na narrativa de Cardoso, como podemos perceber em: “Bons negócios geram sempre bons casamentos” (CARDOSO, 1997, p.16).

A obra enaltece a condição da mulher presente nessa sociedade, que considera um bom casamento aquele cujo pai consegue manter relações econômicas bem sucedidas, fazendo com que seus bens continuem a existir por meio de seus filhos:

A minha apresentação oficial como noiva de Alberto Sacramento Monteiro estava marcada para época do Natal. Primeiro, à família dele em Díli, na altura em que eu devia completar dezoito anos, atingindo a maioridade. Depois, em Batávia, nas festas do Ano Novo Chinês, seguindo as tradições da minha comunidade. (CARDOSO, 1997, p.16).

Chega a Díli, a capital timorense a bordo de um navio cargueiro holandês, trazendo consigo o livro de Alain Gerbault **A La Porsuite Du Soleil**, incumbida pelo pai de resolver assuntos relativos ao comércio familiar, pois, a situação comercial começara a mudar e entrar em decadência, devido ao início da Segunda Guerra mundial e a invasão do Timor pelos japoneses.

A protagonista dessa narrativa não entendia sobre negócios, mas, diante da possibilidade de encontrar o seu noivo, aceita tal tarefa. O local em que ela foi acomodada tinha o aspecto de velho e abandonado, ao entrar na casa, encontrou tudo desorganizado, com cheiro desagradável:

Ouviam-se vozes ruidosas de homens e de mulheres no interior contrastando com o silêncio que se estabelecia em redor do edifício. Falavam português, tétum, bengali, malaio e, de vez em quando, ouvia-se uma frase inteira em inglês. (CARDOSO, 1997, p. 20)

Após esse novo encontro, tanto com a cidade de Díli quanto com seu pretendente amoroso, Catarina encontra Alberto Sacramento e se declara seduzida pelo brilho dos seus olhos, afirmando que ele tinha um ar de príncipe árabe, com a pele morena, olhos verdes úmidos e cabelos negros. Nesse momento, a protagonista nos convence de que seu pretendente amoroso não se comportara na mesma forma que na casa do seu pai. Nesse contexto, compreendemos através dos estudos de gênero, os entraves sociais que envolvem a personagem; o objetivo de Alberto não era o mesmo idealizado por Catarina, visto que o envolvimento dos dois, para ele, era puramente um acordo financeiro. Refletindo sobre as relações sociais que coloca a mulher em uma posição inferior, Beauvoir (1979, p. 20) considera que “Eles *colocam* a mulher como uma inferior; estão hoje demasiado compenetrados do ideal democrático para não reconhecer todos os seres humanos como iguais”.

O pensamento do Sargento é machista e ele a deseja unicamente para seu prazer. Essa concepção faz total sentido com o que propõe Beauvoir, quando destaca que o homem é o Sujeito; o Absoluto; ela é o Outro. Nessa concepção social, o outro é a mulher e jamais pode ser comparada ou ter todos os direitos e deveres que os homens têm. Nesse sentido, Catarina, passa a apresentar uma concepção de mulher que dialoga com o espírito de luta e contrariedade social e também de gênero.

Ao chegar, Catarina, a personagem-narradora descreve “Alberto, o *Abissínio*, de cor fulva e grandes olhos cor de âmbar”. (CARDOSO, 1997, p. 11). Ela descreve, ao longo da obra, o personagem Alberto como um homem rude, mas aparentemente encantador, pela sua postura forte e sedutora. Ao se aproximar dela, Alberto Sacramento afirma a todo o tempo que ela nunca deveria ter ido a Timor. Catarina possui uma beleza exótica, chamando atenção de todos na ilha, ao mesmo tempo em que a todo o momento desafia o marinheiro a respeito dos negócios da família.

Destacamos a riqueza de detalhes dada pelo autor, sobre um momento único e marcante na vida de uma mulher, a passagem da fase de adolescente para a maturidade como mulher, na sua completude. Cardoso retrata essa transição de forma brilhante, colocando na voz de Catarina um dilema vivenciado por inúmeras mulheres que se lançam na busca de seu grande amor e se deparam com a falta de carinho.

É fortemente destacado pela protagonista que a perda da virgindade é o momento mais importante na vida de uma mulher, e afirma que, independente da roupa, ou seja, classe social, é um momento que culmina em suspiros e lágrimas. Catarina tem seu sonho parcialmente acabado e se assustou ao ver o lençol com mancha de sangue; esse momento é descrito enfatizando o desespero que a faz se jogar ao mar, e, ao acordar, estar no hospital; seu noivo a recebeu com flores fazendo-a pensar que estivesse arrependido, mas de nada adiantou, pois a protagonista se encontrava perdida, jogada à sorte que a destinava a um meio social de exclusão:

O que depois aconteceu foi outra coisa bem diferente. Quando me colocou na cama, tirou-me a roupa com tal brusquidão que perdi momentaneamente a respiração. Depois atirou-se para cima de mim como um lobo-marinho. E, num ritmo frenético e ofegante penetrou as minhas entranhas até dar seu grito final, um berro, um uivo, um latido, e desfazendo-se em gotas de suor que empastavam na minha pele. (CARDOSO, 1997, p. 35).

Nesse momento, a narrativa passa a ser refletida, sob um olhar de silêncio. A protagonista cala-se diante do acontecido, visto que o silêncio lhe traria benefícios. “Decidi

aceitar a minha condição de refém de um negócio. Fiquei a saber que a menina, a quem Alberto Sacramento Monteiro colocara um gato no regaço, também fazia parte de um caderno de encargos da parceria” (CARDOSO, 1997, p. 40).

Com base em discussões que envolvem estudos em torno do feminino, percebemos que os ideais que perpassam a sociedade, ao longo da História, coloca a mulher em uma categoria de Outro, ou seja, aquela que deve ser subordinada e fazer tudo o que o homem determina, como destaca Beauvoir “A relação que une a mulher ao homem não é a mesma que ele mantém com ela” (BEAUVOIR 1970 p.77). Durante a História da humanidade, colocar a mulher como inferior é uma prática bastante recorrente, seja no contexto do lar, no ambiente de trabalho e na própria sociedade.

Assim, a mulher não é um ser autônomo, porque o homem a define, não baseada em si mesma, mas relativamente a ele. Ao ficcionalizar a voz narradora feminina, Cardoso nos apresenta Catarina de um modo que revela todos os dilemas, sofrimentos e conflitos por que a mulher passa durante sua vida, seja ela amorosa, seja social ou cultural.

Ao partir para Goa, o noivo deixa Catarina grávida e com a Fazenda Sacromonte para ser administrada e reconstruída. Outro detalhe que é destaque no romance é o fato do marinheiro Alberto ser casado. Com desejo de organizar a propriedade, ela reconhece o administrador Malisera, que também tem a posse da fazenda. Catarina tem seu filho sequestrado e está envolta para resolver além dos problemas pessoais, as negociações com os japoneses sobre o comércio de sal e peixe:

Alberto Sacramento Monteiro nunca se interessara pelo filho. Tinha sido apenas eu a cuidar dele. Estava determinada a fazer todos os possíveis e impossíveis para trazer de volta. Se conseguir restaurar a fazenda Sacromonte também poderia recuperar o Diogo. Era só uma questão de aguardar a oportunidade. Bastava estar com o olho atento e seguir a minha intuição. (CARDOSO, 1997, p. 198).

A personagem tem seu filho desaparecido por armadilhas dos adversários, é abandonada pelo companheiro que lhe prometeu amor e ainda convive com acusações sociais diversas. Catarina não esconde o seu fetiche por marinheiros e possui um grande sonho de dar a volta ao mundo, e a chegada do navegador solitário é determinante para isso. Nesse instante a personagem descreve sua chegada de modo emocionante:

Ele não se fez anunciar. Primeiro olhou para a casa. Depois para trás para se certificar de que ninguém o seguia. Vestia roupa completamente escura, o que me lembrou os tempos em que o conheciam como Ninja. Era nessa condição que estava Timor. O disfarce de capataz servia que nem uma luva aos propósitos dos japoneses. Trazia nas mãos a gata de jade que colocou no chão da varanda. Não esboçou sequer um sorriso. Esquecera-me de que ele nunca sorria e falava muito pouco. Sussurrava. (CARDOSO, 1997, p. 210).

Quando é declarada a Segunda Guerra Mundial, é destaque o encontro com o autor do livro que trouxera na viagem, Alain Gerbault; ele faz a confissão de que o pai de Catarina havia falecido, e que a morte do seu ente acontecera depois de sua vinda a Timor. O pai morrera de tristeza ao sentir-se culpado pelo que aconteceu com sua filha. Alain Gerbault conhece aquela que seria sua enfermeira, pois estava doente de malária:

– Muito prazer, Senhor Alain Gerbault
Retribuí a saudação em francês com um pronúncia sem mácula que o fez ficar a olhar para mim indagando onde teria aprendido
- A Catarina fala francês como se fosse uma parisiense
fiquei na dúvida se devia tomar aquilo com um elogio ou como uma ironia, talvez achasse que a minha resposta tinha sido puro exibicionismo. Uma rapariga petulante a fazer-se a um estrangeiro. (CARDOSO, 1997, p.210).

Em seguida ela conta para ele toda sua história em Timor, mostra o livro dele que carregava e ele a convidou para um jantar com as autoridades locais, e, ao despedir, fala que não iria esquecer os chocolates e flores.

Logo depois, Catarina é chamada ao hospital: “Tencionava despedir-se de mim. Nos últimos tempos ia emagrecendo a cada dia que passava ao ponto de se confundir com o lençol branco”. (CARDOSO, 1997, p. 250). Durante todo o tempo em que esteve internado, mandava alguém entregar para ela chocolates e flores. Posteriormente, ele pede para ver o sol e logo sente uma dor no peito, e faz a pergunta crucial para ela, o que a esperava após o conhecer; ele que entra na vida da protagonista e recebe os seus cuidados até sua morte. O momento da morte do Alain é descrito na seguinte passagem:

A sua respiração foi diminuindo, o coração ainda batia, mas lentamente. Num último esforço quis ver o Sol para se orientar, mas já não tinha forças para abrir os olhos. Ainda tentei força-lhe a vista para me ver. Fiz a minha pergunta indiscreta
- Encontrou o que procurava?
e vi um leve sorriso atravessado nos seus lábios.
Um sorriso branco como o de um anjo. Chegado à terra do Sol nascente tinha terminado a sua viagem. Há muito que andava em perseguição desse disco de ouro.
Soltou uma prece
- Enterre-me no Mar, Catarina, enterre-me no Mar. (CARDOSO, 1997, p.. 256)

Catarina reconquista sua terra, recupera o seu filho, mas tem sua casa destruída/queimada. Além de o fogo acabar com a vida dos gatos, seu coração permanece frio e a todo o momento ela se lembra do passado. A obra não deixa explícito em detalhes como Catarina se envolve com o navegador solitário, ou seja, os detalhes desse amor, pois é um envolvimento rápido, e intenso, e também não define o fim do chefe do porto Alberto Sacramento, tendo em vista as invasões e guerras vivenciadas no país.

A estrutura contemporânea da narrativa adotada no romance, por Cardoso, em suas descontinuidades e inúmeros pontos escuros, o fio narrativo esgarçado e aparentemente incoerente em certos momentos, tudo isso conduz o leitor, por vezes ávido de informações (até mesmo pelo fosso cultural que se cria em relação ao universo ficcional), pela experiência da jovem chinesa, procurando compreendê-la não pela ótica parcial e redutora das tradições, mas em seu conteúdo humano.

A narrativa traz consigo elementos diversos, que retratam dilemas sociais e amorosos de uma jovem que, aos 17 anos, é entregue a um forasteiro, que a maltrata; contudo, ao se deparar sobrevivente, resolve não se conformar com os acontecimentos que seu destino havia premeditado, e mostra ao pai e ao noivo que é capaz de se erguer com respeito e dignidade.

Como já referido, quando se tornou evidente a invasão dos japoneses em Dili, no período da Segunda Guerra Mundial, ela encontra o autor do livro que carregava, Alain Gerbault, conhecido como navegador solitário, que entra na vida de Catarina como verdadeiro amor e recebe cuidados de sua amada até sua morte, se reinventando como mulher. Ao longo de sua trajetória, relata a situação em torno da política, após a Revolta de Manufahi, comandada por Dom Ventura. Ao usar elementos narrativos diversos, o texto assume um aspecto crítico, porque o romance acaba denunciando os acontecimentos vivenciados no período entre Guerras.

Réquiem para o navegador solitário pode ser lido como um conto de fadas às avessas, pois, na busca do amor ideal, a protagonista é envolvida por múltiplas desgraças/desventuras, em uma terra estranha, onde se respira medo e violência. Catarina, recebeu educação europeia e vivia na Batávia, com seus pais, quando, de repente, é “obrigada” a ir para Dili, enfrentando, desavenças, conflitos e sentimentos frustrados.

A obra criada representa, através da personagem principal, a nação Timorense, que sofreu processos conflituosos na busca por independência, mas que, ao final, consegue se estabelecerem quanto nação, tomando para si costumes, o idioma Tétum, a cultura e as relações políticas e comerciais existentes em uma terra estranha, às vezes chora, sorrir, e, acima de tudo busca sua força interior com coragem e determinação, para lutar por uma vida digna.

3 A categoria de personagem no romance pós-moderno

O romance pós-moderno³ guarda mecanismos fundamentais, que divergem dos escritos em outras épocas. Estão entre as principais diferenças à quebra do enredo e da linearidade, e a construção das personagens, estabelecendo através dessas uma aproximação maior com o leitor. É preciso ressaltar que nem toda obra escrita em contextos atuais pertencem ao que comumente se classifica como pós-moderno; muitas obras, mesmo escritas atualmente, ainda preservam um enredo linear e uma caracterização das suas personagens enquadradas em modelos tradicionais. Quando falamos características, arrolamos tanto as físicas, como as psicológicas. No romance pós-moderno essas diferenciações geram as ações de “rebeldia” vivenciadas dentro do enredo, dando a essas obras uma identidade e distanciando-as da tradição literária.

Para ter uma visão mais ampla dessa discussão é necessário priorizar a importância tanto da personagem quanto do enredo. Segundo Candido (2014, p. 53) ao pensarmos no enredo, pensamos também nas personagens, ou seja, é uma ação praticamente indissociável. “Quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino - traçada conforme uma certa duração temporal”. As personagens existem dentro das obras para cumprir um determinado enredo. Nas obras da contemporaneidade essas ações não obedecem a uma sequência tradicional, o enredo é pensado a partir das ações e existência das personagens. A princípio, Candido esclarece de um modo mais geral sobre a personagem do romance:

A personagem é um ser fictício – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2014 p. 55)

Essa compreensão a respeito da personagem é importante para lembrar que o romance estabelece uma relação entre o ser vivo e o ser fictício, ou seja, é a através das personagens que temos a representação e materialização do que seria “real” dentro da ficção narrativa. Essa pesquisa destaca como a personagem realiza quebra nas expectativas do leitor e como

³ Segundo (BONNICI, 199, p. 27) Embora o termo “pós-modernismo” já fosse usado desde a década de 1870 e suas premissas encontradas em Nietzsche (Hawkes, 1996), apenas na década de 1960 passou a ser utilizado como significado atual. Sua emergência se deu diante do colapso da distinção entre a alta cultura e a cultura popular, desde muito tempo sistematizada e discutida a partir de Arnold (*Essays in Criticism*, 1865; *Culture and Anarchy*, 1869), passando por Leavis (*The Great Tradition*, 1948) até T.S Eliot. Nas décadas de 50 e 60, percebeu-se que o Modernismo se tornara centralizado, clássico e canonizado.

sua construção rompe aos paradigmas tradicionais, tanto nos aspectos mais formais voltados ao elemento estrutural *personagem* como no quesito de sua subjetividade.

Na obra, a personagem é considerada estruturalmente protagonista, e é por ela que todos os outros personagens ganham voz no romance; Catarina fala de si, dos Outros com os quais convive, ou seja, é pela voz dela que toda a narrativa é construída. Brait fala acerca dessa característica: “Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior” (2006, p.61).

Assim através da voz da personagem, que há uma busca pela memória cultural de Timor-Leste em outros momentos, o leitor está diante de um triângulo amoroso, bem como há um destaque para acontecimentos sociais, as relações de poder e entraves políticos restritos as crises econômicas vivenciadas no oriente. Tal percepção dialoga com o desabafo da personagem em:

E como estava decidida a enfrentar tudo e todos, cortou o mal pela raiz. Que em Manumera impunham-se os que sempre lá moravam desde a outra era. Nunca por algum motivo aceitariam que uma estrangeira pudesse ser sua rainha. Quanto uma concubina, o que de nada me serviria, dado que esse era o meu atual estatuto. Lembrou-me que eu era a nona do capitão do porto. (CANDIDO, 2014 p. 95)

Essa relação proximal com o *Outro* é característico de obras pós-modernas, pois a existência da personagem não se faz, descrevendo apenas aspectos próprios de seu universo, mas sim, a forma de contar o Eu a partir do outro, e também destacando como é o modo dessas relações, sejam elas amorosas, culturais ou políticas. Sobre essa relação com o *Outro* Landoski defende:

A estratégias identitárias de ordem social consideradas anteriormente superpõe-se, então, uma nova dimensão da busca de si, que atinge mais de perto a intimidade do sujeito. Desta vez, em vez de olhar para outrem de fora colocando-se diante dele numa relação cara a cara – identidade contra identidade – o sujeito se descobre, ao contrário, a si mesmo, desde que se torne o outro interiormente presente, ou pelo menos esforçando-se para isso. Um tornar-se, um querer estar- estar com o outro, no andamento do outro – substitui a certeza adquirida, estática e solipsista, de ser si mesmo. (LANDOSKI, 2002, p. XII).

Essa relação com o *Outro* é construída na obra a partir das relações que envolvem a protagonista, Catarina; está em uma nação com costumes diferentes, relações amorosas baseadas no patriarcalismo, vivenciando, além disso, a ascensão do imperialismo⁴ ocidental

⁴ Sobre o imperialismo Arendt (1989, p.147) assevera que “iniciou a sua política de expansão por amor à expansão, e esse novo tipo de política expansionista diferia tanto das conquistas de característica nacional, antes levadas adiante por meio de guerra fronteiriças”.

através das relações de poder. Tal destaque para a relação com mundo exterior a Timor e a China é destaque:

Rodolfo Marques da Costa afirmava que depois da subida de Hitler ao poder na Alemanha, o conflito entre as potências era só uma questão de tempo. A guerra civil de Espanha servia como uma luva para os ensaios de estratégias. Uma oportunidade para testar o material bélico. Ele esperava que continuasse a ser um conflito europeu e que ninguém ousasse trazê-lo para aquela ilha perdida no fim do mundo, que os governantes portugueses tão bem tinham sabido esconder da cobiça das potências. (CANDIDO, 2014 p. 109).

Nesse sentido, percebemos que Catarina compreende com precisão as discussões políticas que envolviam as principais potências mundiais (visto que o tempo da obra se passa durante a Segunda Guerra Mundial) estabelecendo uma relação dialógica que podia comprometer ainda mais a situação da fazenda Sacramonte. É por esse viés que percebemos as rupturas que a personagem faz quando se impõem em cada atitude. Isso não quer dizer que a personagem perca sua crença no amor, contudo esse não é o único motivo que conduz a sua vida.

Percebemos que o nome, forte, bravo de Catarina faz jus a sua própria personalidade e atitude; ela busca a todo o momento solução para cada desavença enfrentada: “Procurava uma solução para o beco sem saída em que me encontrava. Nunca disse a Madalena que estava com saudades da minha casa e dos meus pais”. (CANDIDO, 2014 p.119). Tal passagem comprova que ela precisava ser forte em meio aos momentos difíceis, mesmo sentindo falta do conforto de sua casa, Catarina estava em missão e não poderia retroceder.

Entendendo que a construção da personagem dá-se a partir de quebras e rupturas dos modelos tradicionais, percebemos que ela, mesmo tendo nacionalidade diferente, é símbolo de representação da identidade nacional de Timor-Leste, sua vivência no país é marcada por desolamentos, vinganças, decepções, alegrias, entraves políticos e pessoais, contudo é tomada por uma bravura singular. Catarina não representa apenas a mulher timorense, mesmo possuindo nacionalidade chinesa, ela é a representação na *Nação*, do povo e da interculturalidade desenhada na obra. Brait (2006, p. 41) afirma;

As personagens classificadas como *redondas*, por sua vez são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convicentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, construindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano.

Esse aspecto que Brait defende se encaixa com a personagem construída no romance, por apresentar essa característica em torno do Eu e do Outro, ou seja, não dá para definir com

exatidão os sentimentos e atitudes da personagem; ao mesmo tempo em que anseia o seu grande amor, ela descentraliza sua vida para resolver diversos problemas que o casamento, como acordo comercial entre famílias lhe trouxera.

Outra característica que vale salientar é a ênfase dada ao livro *A la Poursuite du Soleil* de Alain Gerbault, obra que, mesmo tendo lido várias vezes, carrega como uma bússola, um livro sagrado. Podemos perceber o destaque para o interesse de Catarina pelo navegador solitário:

Tinha curiosidade em saber mais detalhes sobre o navegador solitário francês, Alain Gerbault, de quem tinha um livro, *A la Poursuite du Soleil*. Achava que, andando ele atrás do sol, e se porventura passasse pelas bandas do mar Arafura, um dia fosse aparecer na baía de Díli, um lugar ao sol onde nada acontecia

- Fernão de Magalhães

- Quem é esse Fernão de Magalhães?

A pergunta fê-lo olhar para mim como se eu fosse uma ignorante. (CANDIDO, 2014 p. 123)

É perceptível a admiração de Catarina por viajantes, ao longo da narrativa essa tendência é sempre repetida. Mesmo tendo uma decepção amorosa forte, ela possui uma relação próxima com o livro que carrega e sempre é motivo de desejo encontrar Alain *O navegador solitário*. As rupturas que a personagem deixa explícitas, são uma forma de assumir sua própria personalidade e identidade. Catarina, mesmo ciente que suas atitudes podem colocar em xeque a guarda do seu filho, coloca em ação o seu plano de vingança para com o Capitão do porto.

Tomada pelo sentimento de vingança, Catarina tenta contra a vida do capitão, mas falha, o que gera conflitos com a esposa de Alberto Sacramento. Essa passagem merece destaque na construção da personagem, pois ao assumir a rebeldia, tanto na linguagem, quanto no enredo, a personagem assume seu caráter pós-moderno. Sobre a rebeldia de Catarina, consideramos:

- Se veio aqui pedir satisfações

Então bateu à porta errada.

Devia ir pedir justificações ao seu marido. Foi com ele que acertou o contrato da sua vida para o bem e para o mal

- Ainda é uma menina

e olhava para mim como se procurasse as verdadeiras razões que me tinham levado a tentar matar o seu marido. Não acha possível que alguém com a minha idade quisesse fazer isso. A não ser que fosse para dar cabo da própria vida

- Se veio aqui pedir satisfações

Então bateu à porta errada. (CANDIDO, 2014 p. 139)

A personagem Catarina rompe com a ideia de que o feminino é frágil e inocente, ela se coloca como agente, tem em suas mãos o poder de decisão sobre seu corpo e como conduz os conflitos vivenciados durante sua vida em Timor- Leste.

Voltando ao tema da escrita pós-moderna, afirma Fernandes (2010. p. 44-45): “Ao analisar uma obra pelas perspectivas pós-modernas temos que abordá-la com uma metodologia capaz de articular vários aspectos do fenômeno literário, buscando a interação entre o produtor, o texto, o receptor e as circunstâncias que os rodeiam”. Assim, é desafio para cada pesquisador estabelecer a articulação entre esses pontos. Dessa forma, a análise da personagem, somados à construção da narrativa, torna mecanismo essencial para elaborarmos análises condizentes com a temática da pós-modernidade.

3.1 O narrador como elemento de destaque.

A categoria estrutural Narrador também merece, pois, através do debruçar da leitura do romance, percebemos que essa categoria possui um destaque significativo na obra. Isso porque consideramos que todos os elementos estruturadores são importantes na construção da narrativa, são eles que corroboram com a noção de ficção do texto, que trazem encanto, percepções sobre a realidade, fazendo com que o leitor reconstrua na imaginação todo o enredo.

O enredo apresenta um narrador personagem-protagonista, Catarina que vivencia os fatos, e sob o seu olhar são apresentados os outros personagens, ou seja, ela indiretamente reproduz a voz de outros personagens na obra:

Antes de sair, olhando na minha direção, perguntou pelo nome da peça que o meu pai disse chamar-se Catarina
- Catarina?!
Ripostou o visitante surpreso
Talvez confuso, sem saber se o velho chinês estaria a referir-se à gata de jade pela qual mostrava um interesse de ocasião, ou a filha cuja beleza não lhe era indiferente.
(CARDOSO, 2007, p. 21)

Tal análise em torno do elemento *narrador* foi pautada, inicialmente, nas contribuições de D’Onofrio (2007, p. 53):

O eu que narra se identifica com o eu da personagem principal que vive os fatos. Trata-se de um ator que acumula o papel de sujeito da enunciação e de sujeito do enunciado. Ele nos conta uma história por ele vivida, a história de uma parcela de sua existência. É por intermédio de seus olhos e de seus sentimentos que são apresentados os elementos constitutivos na narrativa: os fatos, as outras personagens, os temas e os motivos, as categorias do tempo e do espaço.

Na obra estudada, prevalece o narrador personagem – protagonista, que, a todo o momento, narra acontecimentos vivenciados por ele e por outros personagens; Catarina, ao mesmo tempo em que conta a sua própria história, implícita e explicitamente está trazendo outras vozes, ou seja, o dilema pelo qual passam as várias mulheres daquela mesma sociedade. Mesmo que a obra tenha uma autoria masculina, a construção em torno da voz feminina é possível, pois dentro da literatura há o elemento ficção, e, desse modo, a obra fictícia não está pautada plenamente na realidade, mesmo falando e descrevendo acontecimentos sobre ela.

Não há compreensão plena da categoria narrador em obras pós-modernas ou contemporâneas, se estudarmos de modo totalmente isolado; contudo é necessário olharmos para ele como elemento fundamental, que se configura em um modelo narrativo dos dias atuais. Ferrari (2011, p. 2) esclarece:

[...] podemos sim afirmar que há na narrativa contemporânea uma relação dialógica com o passado próximo, neste caso, o modernismo, já que essa narrativa reúne em sua construção, vários traços, entre eles, a indeterminação do sentido, o questionamento e a integração da leitura.

Assim, as narrativas pós-modernas reúnem construções dialógicas sobre a narração, que, para Walter Benjamim (2004), se articulam em dois pontos: o ato de narrar e o ato de passar uma informação, como verificamos na seguinte passagem de Cardoso (1997, p. 33):

[...] Cobrindo os lábios com a mão direita segredou aos meus ouvidos que os ingleses amavam a Índia mas detestavam os indianos. Precisamente o contrário dos portugueses, que amavam tanto a terra como especiarias, sendo a mais picante de todas elas a morena de Goa mais o seu delicado umbigo onde encostavam a cabeça antes de se lançarem em novas conquistas.

Nesse exemplo, podemos comprovar o que coloca Benjamim, pois é exposto tanto o ato de narrar como o de passar uma informação. Além de contar sua história à personagem, Catarina também expõe fatos vivenciados por outros personagens dentro de vários contextos, seja ele social, político, ou através das relações amorosas vivenciadas. Refletindo sobre o aspecto do ato de narrar, voz de quem narra, Ferrari (2011, p. 2 - 3) esclarece:

No texto narrativo a voz de quem narra os fatos é primordial, pois é ela que configura o discurso. A narrativa ficcional é um gênero no qual os vários elementos que a envolvem estão interligados na base de qualquer tentativa de informação. Mas não corresponde só ao desejo de contar (Informar) e sim abstrair o que ocorre na íntegra que envolve todo o processo narrativo.

Dentro da estrutura da narrativa, considerar a identidade do narrador torna-se mecanismo fundamental para a construção da obra, ou seja, mais que saber sua existência na obra é preciso compreender sua especificidade na construção do ato de narrar e sobre o que narra. O narrador não busca mais se envolver com o ato de narrar, ou seja, ele conduz a narrativa para uma quebra do enredo. Por meio dessa ação, ele acaba criando uma espécie de ações fragmentadas, buscando na ironia uma identidade narrativa, como podemos perceber no seguinte fragmento:

Apresentou-se com cara de poucos amigos e olhos esbugalhados como os do chefe da casa das máquinas. Não parecia o mesmo. Perguntou-me acerca da minha chegada, ao que respondi apontando para a baía onde estava ancorado um cargueiro holandês

- Como capitão do porto devia saber da chegada dos navios.
uma observação que tocou no fundo da sua honra. Alberto Sacramento Monteiro nunca se conformou com a forçada dispensa dos seus serviços em alto-mar e, pelos vistos, também se desfizera das suas obrigações em terra. (CARDOSO 1997, p 46).

As narrativas produzidas na pós-modernidade provocam nos leitores uma espécie de estranhamento, principalmente se esse leitor estiver acostumado à linearidade do ato de narrar. O narrador atual está preocupado em olhar para si, e não apenas discorrer sobre fatos alheios. Não queremos dizer que não existe narrador em terceira pessoa, ou observador, contudo as obras atuais não estão presas a um único modo de narrar, podem ser mistas no aspecto narrativo, ou promover rupturas no enredo e no próprio ato narrativo. Dalcastagnè (2012) afirma que tanto o narrador, como o leitor não são sujeitos que focalizam apenas a matéria narrada. Não é mais centro da obra, por exemplo, saber se houve ou não uma traição, mas sim como podemos desvendar o que se acredita ser uma traição. A relação entre narrador e leitor é proximal, ou seja, podemos dizer que o este pode ser reflexo do narrador, tonando-se até mesmo personagem de uma determinada discussão.

Como questionamos anteriormente, o estudo da categoria analisada não está unicamente baseada no modo mais formal do texto literário, no caso a narrativa; é preciso compreender o contexto de modo mais abrangente, isto é, se o elemento estrutural *narrador* mudou ao longo da história, o romance, como maior representante da prosa, também passou

por mudanças significativas, até chegar ao que a crítica literária atesta como pós-moderno ou contemporâneo:

Diálogos que se estabelecem com a sociedade dentro da qual foi engendrada a obra, com sua história, sua cultura, com outras obras literárias, outros gêneros discursivos. Diálogos com o gênero, a etnia, a classe social a que pertence o escritor – ou aquela de que se faz parte o narrador ou seus protagonistas, com o próprio campo literário e com a produção anterior do artista. Diálogos que fazem do romance um instrumento de inserção no tempo circundante. E que, portanto, o tornam vivo, ainda que os anos passem e que algumas das situações retratadas virem lembranças remotas (ou nem isso). (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 77)

Na obra destacada nesta pesquisa, observamos um narrador que busca, a todo tempo, uma aproximação com o leitor, relatando sua história, cultura, condição social, posição do seu gênero na sociedade, abordando temáticas atuais, ocasionando uma mistura de fatos que se organizam e desorganizam-se, formando o enredo e a obra como um todo. Se nos recordarmos das narrativas tradicionais, compreendemos melhor a atuação do narrador em obras mais recentes, pois naquelas obras esse narrador não daria muito espaço para as possíveis discussões e questionamentos.

Segundo Dalcastagnè (2012, p. 93), “Cada vez mais, duvidamos (também a literatura ajudou a nos constituir como seres que desconfiam), e reconhecemos que entre nós e o narrado existe um intermediário, ou dois, ou vários”. Na obra estudada, podemos notar a existência de tal fenômeno, pois, as incertezas vivenciadas pela protagonista e pelos personagens secundários no o enredo, sustentam os fatos que são perpassados pela sua voz, esses que estão relacionados à sua própria existência, como também as relações sociais estabelecidas:

A Trindade da Costa de Malabar estava desfeita devido à partida do seu principal dinamizador, Alberto Sacramento Monteiro. Provavelmente, estaria também a queixar-se da falta de interesse dos ingleses em lhe conceder o estatuto de cônsul honorário do Reino Unido
- Talvez não cante tão bem
queixando-se da sua mágoa ao amigo português. (CARDOSO, 1997, p 66)

Assim, percebemos que o elemento narrador, na obra estudada, não tem pretensão de ser imparcial, como se atestou ao longo desse estudo; ele está totalmente envolvido com o conteúdo narrado. O seu objetivo é nos envolver, fazendo-nos cúmplices do seu ponto de vista, ou que possamos perceber a existência de outro ponto de vista, outras possibilidades de olhar, encarar e reagir sobre determinado fato narrado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado através da obra de Luís Cardoso permitiu uma avaliação através dos estudos culturais e interculturais, como também uma contribuição crítica dentro da literatura, nos domínios da cultura, da história, dos estudos em torno do feminino e da literatura de Timor-Leste. O autor sempre busca um diálogo com outras culturas do espaço lusófono, a partir de seus aspectos identitários, estabelecendo uma relação com a oralidade e com a descolonização da cultura.

A principal meta dessa pesquisa baseou-se em levantar questionamentos por meio da leitura crítica do romance, estabelecendo uma relação entre a obra, a história e os dilemas femininos. Em segundo lugar, destacamos a análise crítica em torno dos elementos estruturais *Personagem* e *Narrador*, que por se fundirem enquadra-se no modo de narrar da pós-modernidade, estabelecendo um diálogo com o leitor, retratando sua existência enquanto personagem e ciente dos acontecimentos e entraves sociais do país em destaque, como também de outros personagens. Por fim, a leitura do romance proporcionou uma análise crítica aprofundada, estabelecendo uma relação entre a obra, a história e os dilemas femininos.

Demonstrou-se, dessa maneira, que a voz feminina e voz do narrador encontram ecos uma na outra e que, por vezes, confundem-se, pois o narrador feminino é uma criação ficcional de Luís Cardoso. A história de Catarina é contada sob o ponto de vista feminino. Do mesmo modo, a História da Segunda Guerra Mundial é contada sob a ótica da mulher em espaço pós-colonial. Essas histórias cruzam-se pela intertextualidade entre a narrativa criada por Luís Cardoso e a do navegador solitário.

ABSTRACT

A FEMALE IN *REQUIEM PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO*: A STUDY ON THE JOB AND LITERATURE TIMORESE

This research shows an analysis Literary critic and sociological, focused on Timor Leste's Literature. Consisting primarily in a critical reflection about the work structuring element narrator, this paper concentrates about a romance of the writer Luís Cardoso, **Réquiem para o navegador solitário** (2007), discussing aspects that go through the history, interculturalism, discussion about female gender, integrated with the narrative study. Therefore, this research,

aimed to collaborate to an interest of the academic reader about Timor Leste's literature, establishing empathy links of relation concerning to literature and interculturalism. The observed themes besides embrace the notes below, also involves subtopics that permeates the universe of gender discussions, construction of narratives about the female voice of the author. The general purpose of this research is to accomplish an appreciation of literary text, specifically the romance novel gender, observing the gender discussion and themes about the social construction and identity of the main character. Specifically, is intended to analyze the featured work, structural elements character and narrator, taking it as narrator support of post-modern features. Between the theoretical basis listed for this research are Marcos (1995), Beauvoir (1970), Santos (2001), Brandão (2004), D'Onofrio (2007), Costa (2012), Ferrari (2011), and Dalcastagnè (2012). This proposal search to valorize the Timorese literature and affords contact with a remarkable work for its literary quality, besides knowing postcolonial authors, representatives of literary and intercultural studies.

Keywords: Literature. East Timor. Narrative. Narrator. Character.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Imperialismo: prefácio. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANTUNES, Ricardo Jorge. "O que é Timor? Língua e Literatura em Timor Leste." (pp. 132 a 150.) In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELHÖVER, Aone: (orgs.). **Diversidade Cultural na Construção da Nação e do Estado em Timor Leste**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: fatos e mitos**. Difusão Européia do Livro, 1970.

BONNICI, Thomas. **A teoria do pós-modernismo e a sociedade**. Mimesis, Bauru, v 20 n. 2, 1999.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliens, 2004.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. V. II. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927.

COSTA, Letícia Villela Lima. Metáforas do Mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luís Cardoso. In: **Identidade Cultural**. São Paulo: Cesar Lugarinho, São Paulo 2012.

CARDOSO, Luís. **Réquiem para o navegador solitário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**: São Paulo: Perspectiva, 13 ed. 2014.

CARSON, C. Alejandro. **Entrelaçando consensos**: Reflexões sobre a dimensão da identidade de gênero na mulher. México, 1995.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. **O narrador e suas circunstâncias**. Editora Horizonte, Rio de Janeiro, 2012.

ESPERANÇA, João Paulo *ET al.* **O que é a lusofonia**. Saida maka luzofonia. Díli, Instituto Camões, 2004.

FERRARI, Sandra A. F. L. Estrutura narrativa na pós-modernidade. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 2001, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011.

FERNANDES, O. L. Maria. **Perspectivas pós modernas na literatura contemporânea**. São José do Rio Preto, Olho d'água, 2011.

GANCHO. Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora ática. 1991.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: identidades e Mediações culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende . Belo Horizonte : Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LANDOSKI, Eric. **Presença do outro**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo, Perspectiva: 2002.

MARCOS, Artur. **Timor Timorense**. Com suas línguas, literaturas, lusofonia. Lisboa: Edições Colibri, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, Antônio Sousa (orgs.). **Entre ser estar** – raízes, percursos e discursos da identidade. São Paulo: Edições Afrontamento, p. 25-85, 2001.

SEIXAS, Paulo Castro. Firaku e kaladi: Entidades Prelavalentes nas Imaginações Unitárias em Timor Leste. In: **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Vol. 45 (1-2) SPAE 2005, Porto.